

O livro das memórias

Ao longo do movimento cultural da Tropicália, artistas brasileiros evidenciaram a modificação estrutural ocorrida no país durante a ditadura - indicando, posteriormente, um posicionamento futuro dos cidadãos quanto à situação vivida. Esse cenário implica uma afirmação quanto às sociedades que experienciam o autoritarismo: um povo sempre muda quando vive a autocracia, mas a transformação acontece, de fato, na concepção geral da população em relação à liberdade e à democracia. Tudo aquilo que foi suprimido no decorrer de anos, inicia um sentimento de revolta e de união que culmina em dois pontos: no momento no qual a opressão se efetua e no que a repressão se finda.

Coréia do Norte ou Camarões? O governo de Pinochet ou o de Luís XVI? A opressão torna um povo em um conjunto de ex-cidadãos. Pessoas não conseguem exercer a cidadania se o Estado não lhes assegura os direitos civis inerentes aos Homens. Logo, sem a garantia de um viver livre e seguro, a população apela aos seus instintos naturais de sobrevivência. Tal circunstância de emergencialidade recorre aos comportamentos intrínsecos ao homem, os quais o biólogo Charles Darwin caracterizou como uma procura explícita pelo sucesso da espécie no meio terrestre. Por isso, quando as prerrogativas básicas de existência dos humanos são desrespeitadas, há um confronto direto com o causador de tamanha transgressão: a autoridade. Consequentemente, é inserido nas pessoas, lentamente, um desejo suprimido pela vida em liberdade e em comunidade, visto que nos tempos de repressão, o individualismo e a desconfiança dominam. O autoritarismo causa, simultaneamente, uma ordem externa e uma desarmonia interna.

Contrariamente, quando a opressão ganha um fim, a busca pela liberdade se externaliza, iniciando um período de renúncia à repressão. Analogamente, plantas que vivem em regiões de alta incidência de incêndios tendem a desenvolver adaptações fisiológicas para não serem afetadas pelo fogo. Logo, quando o dano do autoritarismo afeta um povo, a

comunidade se junta para mitigar os efeitos de tal tempo. Tal união é tão notória que países como a África do Sul marcam a história dos direitos civis até a atualidade com o término do Apartheid. Após anos de perseguição, os sul africanos puderam finalmente vivenciar e expressar o livre-arbítrio - a revolta com qualquer ato discriminatório ou dominante fez do país uma democracia absoluta desde o ocorrido. Exemplos como esses evidenciam que a principal mudança social oriunda do fim de uma tirania é exatamente a institucionalização da democracia como necessidade e o medo de um eventual retorno da ditadura.

Portanto, a lembrança de um período de dor e de silenciamento comanda a história de nações que já vivenciaram o autoritarismo. Sob o comando de um tirano, a população escreve, nas páginas de um livro secreto, a experiência traumática de opressão e de censura. Posteriormente, a mesma obra que sigilosamente desprezava a ditadura, agora, se torna um volume aberto e eterno, lecionando às futuras gerações a importância de abraçar a comunidade e de promover a democracia de forma transparente e corajosa.